
Sociologia dos Leitores Sociologia da Leitura ou os Homens Lêem *A Bola* que Lêem os Homens ao Lerem *A Bola*?*

EDUARDO DE FREITAS

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa

EM 1988, por iniciativa do Instituto Português do Livro e da Leitura, foi realizado um *Inquérito aos Hábitos de Leitura* dos portugueses. Os resultados e as principais conclusões foram mais tarde, em 1992, publicados em versão resumida.

Foi possível então traçar o quadro geral das coisas, respondendo a perguntas tais como: «quem lê o quê, de entre livros, jornais e revistas?», «quais as variáveis sócio-culturais que aparecem associadas a desiguais propensões para a leitura nos diferentes grupos sociais?», «que distingue socialmente os dois principais canais de aprovisionamento da leitura, por um lado os pontos de venda, nomeadamente as livrarias e, por outro, as bibliotecas?», «que lugar a leitura ocupa entre um conjunto de práticas culturais, entre elas o visionamento?», etc.

Este quadro das coisas em matéria de leitura é o que é: baliza a prática em termos de tendências — por exemplo, 95 por cento dos inquiridos com pelo menos a frequência de um Curso Superior declaram ler livros, enquanto que apenas 28 por cento dos que têm no máximo quatro anos de escolaridade, dizem fazê-lo. O capital escolar aparece associado à prática da leitura, sendo de presumir que quanto mais elevado for o nível de escolaridade detido por um indivíduo mais provável será que ele seja leitor de

* Comunicação apresentada pelo autor na Mesa Redonda sobre «Leitura e Cidadania» no âmbito da *Festa do Livro/Lisboa-Capital da Cultura*, realizada pelo Instituto de Ciências Sociais em colaboração com o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Abril de 1994.

livros. Dir-se-á que neste enunciado e noutros deste jeito a evidência empírica obtida acompanha a passada do senso comum esclarecido.

Evidentemente que esta perspectiva de análise pode complexificar-se combinando variáveis explicativas, mostrando que, por exemplo, se ao capital escolar se associar a profissão exercida e ainda uma terceira variável reportada à socialização na infância no campo da leitura, este feixe de variáveis por si só será responsável por uma muito elevada percentagem da variância total da prática da leitura. Por outras palavras, quanto mais investido em leitura tiver sido o universo infantil de um indivíduo, quanto mais elevado fôr o *status* da profissão que exerce e mais alto o seu nível de instrução, maior será a probabilidade desse indivíduo manter na actualidade com a leitura uma implicação forte.

Estes exercícios de combinação de variáveis de caracterização, desde que teoricamente sustentados, mostram-se importantes. Desenham contextos, pontuam trajectos, apontam tendências em matéria de leitura. Contudo, acham-se em terreno alheio do daquele em que se situam os processos de escolha dos textos que os indivíduos adquirem para ler e, sobretudo, do daqueloutro onde se pode cingir de perto o próprio acto de ler.

Um indivíduo poder ler um determinado texto, seja um livro, é, em primeiro lugar, estar bem situado socialmente para poder vir a fazê-lo, isto é, é reunir as características que tornam isso provável; é, em seguida, vivenciar uma escolha concreta por entre uma floresta de possibilidades.

De facto, um livro é escolhido de entre uma massa informe de espécies, na qual à primeira vista nada diferencia os múltiplos exemplares que a constituem. Um dado indivíduo, mesmo leitor assíduo, tenderá a ignorar muitos dos factores que nele despertam, mais ou menos espontaneamente, a escolha efectuada: o conhecimento do autor, do editor, da colecção, a leitura de través da orelha do livro, o eco oriundo de leituras outras, a consulta de referências alusivas, as conversas com terceiros e, *last but not least*, a materialidade da apresentação da obra, seja a capa do livro, a sua luminosidade ou o seu apagamento.

Temos, pois, que as variáveis de caracterização denotam uma probabilidade de se ser leitor; depois, os factores de mediação configuram uma probabilidade de escolha concreta. Com este lance consumado dá-se o aprovisionamento de um determinado texto, quer dizer, em linguagem de afinidades electivas: um leitor provável declara a sua preferência por uma obra, a qual carece que o leitor a revele.

Inventariadas as variáveis de caracterização que propendem à leitura, definidos os factores de mediação que inclinam às escolhas do que fica à mercê de ser lido, a leitura concreta é ainda e só uma probabilidade. Diga-

mos, entre comas, uma probabilidade provável, pese embora o muito que se aprovisiona e que não é lido, o chamado capital morto das bibliotecas pessoais.

Mas suponhamos que sim, que o livro escolhido é lido. É chegado o momento do enlace, da leitura que se cumpre.

Que disse esta sociologia, de que temos vindo a dar conta a traços grossos, sobre a relação de intimidade, de cumplicidade, que se estabelece entre um dado livro, ou um jornal, ou um qualquer outro impresso, e o seu leitor? Que rede, que constelação de imagens, de representações da leitura tece o leitor por sobre e ao redor do que lê? Que transfiguração opera o leitor? Que confabula? De que lado do espelho que o texto constitui se situa o leitor? Apropria-se do texto pelo lado de fora, percorrendo-o pelo lado de dentro? Ou as dobras do lado de dentro conduzem-no a reinventar a maneira como lê pelo lado de fora? A estes quesitos, esta sociologia disse nada.

Quer dizer, a *démarche* anterior pode dar resposta às perguntas «quem lê o quê?», mas agora a pergunta a solicitar resposta é «que é lido, e como, por quem lê?». Com a assumpção deste patamar de análise, a sociologia ultrapassa a intenção, digamos, recenseadora das desiguais propensões para a prática da leitura, momento tão necessário quanto necessariamente insuficiente, e inscreve-se no plano da análise da diversidade dos modos de concretização da leitura. Ou se quisermos nomear as sociologias correspondentes, diremos que o estádio recenseador, com maior ou menor sofisticação do tratamento das variáveis convocadas, é o que confina uma sociologia dos leitores, e que o estádio que tem por objecto o desvendamento do acto de ler, que ensaia a apropriação cognitiva da relação entre o actor que lê e a representação que o mesmo encena do lido, circunscreve uma sociologia da leitura.

Um ponto de partida teórico possível desta sociologia é aquele que postula, na esteira de Jacques Leenhardt, que ler é, «no decurso do processo de leitura, escolher referências, modelos, esquecimentos, expectativas, numa palavra, é *construir* uma leitura, tanto assim quanto o que interessa ao leitor é menos o texto ele-próprio, mais a leitura que o leitor faz do mesmo».

Tirar todo o partido desta postura teórica, passa pela montagem de um dispositivo metodológico que supere as limitações inerentes aos procedimentos que hipotecam toda a sua virtualidade analítica à economia dos questionários de perguntas curtas/respostas breves.

É sabido que o que se declara não é a transposição verbal exacta do que se faz e, por outro lado, é sabido que no que se faz confluem motivações

e intenções de índole vária. Por isso, as práticas de leitura, no âmago em que as queremos ver descortinadas — a relação leitor/texto —, afiguram-se, em larga medida, opacas aos figurinos de observação que os questionários permitem.

A metodologia da entrevista tendencialmente não-directiva desencadeadora de uma inter-acção que suscita o desenvolvimento de discursos abertos por parte dos entrevistados, afigura-se a opção mais consentânea com os propósitos atrás mencionados. Trata-se de uma opção viabilizadora de uma análise de tipo intensivo, a qual organiza eficazmente o processo de recolha de informação na condição de se assegurar a representatividade sociológica, que não necessariamente estatística, dos indivíduos entrevistados.

A análise de conteúdo subsequente à recolha dos discursos poderá orientar-se tematicamente ou tipologicamente. Tematicamente, se se procurar pôr em evidência, digamos, transversalmente, as principais formas temáticas que pode tomar a relação leitor/texto no decurso da leitura, formas essas que consubstanciam os atributos que o leitor vai imputando ao texto. Sobressairá, da análise efectuada, a especificidade para cada forma temática, da sua variação ou da sua permanência, de um indivíduo para outro. No caso da orientação tipológica ser a escolhida, isso quer dizer que se procurará reconstituir longitudinalmente, para cada indivíduo, a lógica particular da sua relação ao texto. Por agregação de lógicas, isto é, de indivíduos, consoante as suas similitudes, definir-se-ão tipologias estabilizadas de comportamento.

Finalmente, um aviso metodológico sobre os limites da palavra falada. Ao enfatizar-se a recolha dos discursos, tende-se a subestimar o corpo. Este, também ele, fala: as posições tomadas pelo corpo no decurso das leituras, as gestualidades que as acompanham, podem constituir indicadores reveladores de maneiras sintomáticas do leitor gerir a sua relação com o texto. Trata-se aqui de trazer a terreiro procedimentos de observação directa, de feição etnográfica, dos comportamentos de leitura. Tais procedimentos, de mais viável utilização nos espaços públicos, poderão ser contributos úteis na análise dos usos dos textos. É o caso das leituras efectuadas nos transportes públicos, nas salas de espera, nas praias, em todos os lugares onde o leitor, ao instalar-se no texto que lê, demarca, no terreno onde se insere, um espaço investido de privatização provisória e simbólica.

Para terminar esta minha intervenção reporto-me ao mote da presente mesa-redonda, que é «A leitura e a cidadania». Trata-se de uma problemática atravessada fundamentalmente pela componente política. É nada do que em cima disse se prende directa e imediatamente com isso mesmo. Em

todo o caso, assiste-me a legitimidade de afirmar que, sem uma sociologia da leitura que se ocupe da prática ela-mesma, que revele, dê a compreender e discuta os balanceamentos da relação leitor/texto, mais carenciado se mostra o corpo de conhecimentos que possa servir de suporte à enunciação de medidas de intervenção em prol da leitura, cujo alcance último se traduza na consolidação de uma responsável cidadania. De facto, para que se satisfaça um tal desiderato, é necessário que se saiba algo acerca das projecções e representações construídas pelos portugueses ao lerem o pouco que lêem. Que lêem os homens ao lerem *A Bola*? Por sobre um *écran* atravessado pelo grande divisor comum que é a competição entre clubes, que imagens se constroem reveladoras de pautas de comportamento em matéria de cidadania?

Tenho falado aos que lêem. E os outros? Terão que ser necessária e urgentemente, também eles, objecto de atenção sociológica, de modo a que se equacionem produtivamente, em termos de conhecimento, os conteúdos da relação fantasmizada que os não-leitores portugueses, que são tantos, mantêm com a leitura que adiam, esquecem, rejeitam ou ignoram.

Formulo então a pergunta inevitável: em 1994, por iniciativa do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro e responsabilização científica de um Centro de Investigação, poderá desencadear-se um projecto que retenha e desenvolva a direcção analítica agora expressa? Quero crer que sim!

Proposta de Projecto

Os Públicos de Serralves: Caracterização Sociológica

Trata-se de um Projecto que tem como objectivos principais, por um lado, traçar o perfil do público em geral que frequenta Serralves, procurando-se inventariar as suas características socioeconómicas e as representações e expectativas que faz das iniciativas da Fundação. Por outro lado, estudam-se os públicos de certos eventos singulares, escolhidos, de entre os previstos para a segunda metade do ano em curso, pela sua exemplaridade no âmbito da programação actual e próxima futura.

Pretende-se, assim, estabelecer um quadro que, a par de uma visão de conjunto dos frequentadores de Serralves, permita efectuar comparações sistemáticas entre públicos específicos.

Tendo em conta que os públicos mantêm uma relação presencial episódica com os eventos que frequentam, tal facto, por si só, estabelece um constrangimento temporal importante na definição das condições de aplicação do instrumento de recolha de informação. A dimensão dos questio-

nários será por isso a ajustada, considerando-se desde já que a sua passagem aos inquiridos, através de entrevista directa, não deverá ultrapassar cerca de dez a quinze minutos.

Seleção de eventos

- Exposições:

Acervo de Serralves (1) — 28 de Julho a 18 de Setembro

Obras do Museu de Bordéus (1) — 24 de Novembro a Janeiro de 95

Espantalhos (1) — até 14 de Outubro

- Colóquios/Conferências:

Homenagem a Manuel de Oliveira (1) — 11, 12 e 13 de Novembro (Casa de Serralves)

Temática Ambiental (1) — 5 de Outubro a 5 de Novembro (Celeiro de Serralves)

- Espectáculos:

Jazz /3 concertos (1) — 30 de Julho / 6 e 13 de Agosto (Ténis do Parque de Serralves)

Dança/Primeiro nome: Le' (1) — 24 a 29 de Setembro (Casa de Serralves)

Anthony Rolfe-Johnson (1) — 2 ou 9 de Outubro (Teatro de S. João?)

- Oficinas:

Pintura ao vento (2) — Julho e Agosto (4.^{as} feiras) (Parque de Serralves)

Espantalhos (2) — 14 de Maio a 14 de Outubro (Centro de Arte de Jardins)

Os universos e as amostras do estudo

O ensaio de caracterização do público em geral faz deste, desde logo, o universo que se quer ver abordado. Para este efeito constitui-se uma amos-

tra de 600 casos com uma distribuição de igual número de indivíduos por cada mês (Agosto, Outubro e Dezembro) representativo de cada uma das três estações (Verão, Outono e Inverno). No decurso de cada mês escolhem-se duas semanas (1.^a e 3.^a ou 2.^a e 4.^a) para a inquirição, dividindo cada semana em três segmentos: dias úteis com entrada paga/dia útil com entrada gratuita (5.^a feira)/fim de semana. A composição da amostra global em função dos factores enunciados, mês/estação e segmento da semana, permite a existência, no final do processo de recolha de informação, de nove sub-amostras de dimensão similar, viabilizando a intenção comparativa.

Para o estudo incidente nos eventos particulares seleccionados estabeleceu-se a destrição entre, por um lado, as exposições e os espectáculos e, por outro, os colóquios/conferências e as oficinas.

Relativamente ao primeiro grupo de eventos uma amostra de 100 casos por evento. No termo do processo de recolha dos dados têm-se 1000 indivíduos distribuídos pelos 10 eventos.

De referir que à partida se destriçam duas populações. A população adulta (18 anos e mais) susceptível de se mobilizar para os eventos assinados em cima com (1) e a população jovem (de idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos) interessada nos eventos marcados com (2).

Esta partição etária justifica-se desde logo pelas características gerais das duas populações serem diferentes. Para feições particulares na interacção inquiridor/inquirido respeitantes às mesmas populações, estabelecem-se instrumentos de recolha de informação distintos.

Equipa do projecto

O Projecto é conduzido por Eduardo de Freitas e Idalina Conde, docentes do ISCTE e investigadores do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

Para o trabalho de inquirição no terreno constituem-se grupos de inquiridores a recrutar entre alunos de cursos na área das ciências sociais de Escolas da cidade do Porto. Estes alunos receberão a formação necessária para o cabal desempenho do papel de inquiridores.

Relatório final

No termo do processo de recolha e análise dos dados elaborase um Relatório que contém a apresentação dos resultados e a sua discussão socio-

lógica. Posto que os eventos se prolongam até ao fim do corrente ano, prevê-se a conclusão e entrega do Relatório em Março de 1995.

Orçamento

Concepção da pesquisa, construção dos questionários, análise dos resultados e elaboração de Relatório final	800 c
Inquirição no terreno	600 c
Tratamento dos questionários e trabalho informático	500 c
Ajudas de custo e deslocações	600 c
Apoio administrativo	200 c
Overheads do CIES	260 c
TOTAL	2960 c

A publicação do texto final do Projecto em edição comercial custará cerca de 400 c, conforme indicações recolhidas junto de duas casas editoras (Afrontamento e Celta).

O Coordenador do Projecto